

VIA TEOLÓGICA

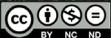
Volume 25 – Número 49 – jun. / 2024

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

ESCATOLOGIA, HETEROGENEIDADE INTERPRETATIVA E CISMA NA IGREJA: ONDE HABITA O ÂMAGO DA CONTROVÉRSIA?

*Esp. Carlos Eduardo Brechani
Dr. Claiton André Kunz*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

ESCATOLOGIA, HETEROGENEIDADE INTERPRETATIVA E CISMA NA IGREJA: ONDE HABITA O ÂMAGO DA CONTROVÉRSIA?

ESCHATOLOGY, INTERPRETIVE HETEROGENEITY AND CHISSM
IN THE CHURCH: WHERE DOES THE CORE OF THE CONTRO-
VERSY LIVE?

*Esp. Carlos Eduardo Brechani¹
Dr. Claiton André Kunz²*

-
- 1 Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade de Taubaté. Graduado em Direito pela Universidade de Taubaté. Promotor de Justiça no Ministério Público do Estado de São Paulo. E-mail: cebrechani@hotmail.com
 - 2 Bacharelado em Teologia e Filosofia. Mestrado em Novo Testamento, Mestrado e Doutorado em Teologia (ênfase em Bíblia) e Pós-Doutorado em Teologia. Professor e Diretor da Faculdade Batista Pioneira, professor do Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR, professor assistente do Mestrado em Ministérios da Carolina University / EUA e professor do Mestrado em Estudos Teológicos do Southwestern Baptist Theological Seminary / EUA. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9550-4627>. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

RESUMO

A redação do presente artigo surgiu de uma questão que perturba o ambiente eclesial há séculos: qual o cerne da controvérsia em torno da escatologia? Esse é o problema posto e sua pesquisa perpassará todo o estudo. Em um primeiro momento são tecidas considerações sobre a escatologia em si, definindo-a e analisando-a nas suas variadas ferramentas interpretativas e escolas mais consagradas. Na sequência, o cisma na Igreja é apresentado. Por fim, o problema posto é enfrentado e respondido. A hipótese aventada é que, se as visões escatológicas diferem entre si principalmente pela interpretação que fazem das Escrituras, e se tais óticas se distinguem pela dimensão do uso da alegoria, conclui-se que a própria concepção alegórica da Palavra está no cerne da contenda escatológica.

Palavras-chave: Escatologia. Escolas Escatológicas. Cisma na Igreja.

34

ABSTRACT

The drafting of this article stemmed from a question that has troubled the ecclesial environment for centuries: what is the crux of the controversy surrounding eschatology? This is the problem posed and its inquiry will span throughout the study. Initially, considerations are made about eschatology itself, defining and analyzing it within its varied interpretative tools and more established schools. Subsequently, the schism in the Church is presented. Finally, the posed problem is confronted and answered. The hypothesized notion is that, if eschatological views differ primarily by the interpretation they make of the Scriptures, and if such perspectives are distinguished by the dimension of allegorical usage, it is concluded that the very allegorical conception of the Word is at the heart of the eschatological contention.

Keywords: Eschatology. Eschatological Schools. Schism in the Church.

INTRODUÇÃO

Não é recente na igreja a polêmica que envolve o fim dos tempos. A área da Teologia que estuda o destino final das pessoas e das coisas criadas é a Escatologia. Ela comporta uma enorme gama de interpretações e dela surgem diversas escolas de entendimento, todas conclusões variadas e incompatíveis entre si sobre as últimas coisas.

As principais ferramentas interpretativas são a alegoria, o preterismo, o historicismo e o futurismo. As escolas escatológicas consagradas são o amilenismo, o pós-milenismo, o pré-milenismo histórico e o pré-milenismo dispensacionalista. O ponto de vista que nutrem sobre o destino final das pessoas varia principalmente em razão do modo como simbolizam as profecias.

A heterogeneidade das interpretações acarreta o cisma na igreja. Por isso é importante a indagação: qual o cerne da controvérsia em torno da escatologia? Esse é o problema posto e sua pesquisa perpassará todo o estudo. No primeiro tópico a escatologia é apresentada com todas suas variantes interpretativas e com todas as escolas escatológicas.

No segundo item é enfrentada a possível fonte das controvérsias em torno da matéria. Por fim, na última parte o problema posto é enfrentado e respondido. A hipótese aventada é que, se as visões escatológicas diferem entre si principalmente pela interpretação que fazem das Escrituras, e se tais óticas se distinguem pela dimensão do uso da alegoria, conclui-se que a própria concepção alegórica da Palavra está no cerne da contenda escatológica.

As duas premissas – variedade interpretativa e raiz da controvérsia, cada uma composta em um dos tópicos do artigo – serão confrontadas para verificar se a hipótese sugerida é confirmada ou se deve ser afastada. A tipologia é explicativa porque envolve a elucidação do que é a escatologia. É interpretativa porque impõe a análise do fator distintivo entre as ferramentas e escolas escatológicas. Por fim, é dissertativa porque envolve a argumentação progressiva sobre o tema.

1. AS VARIADAS FERRAMENTAS INTERPRETATIVAS E AS ESCOLAS ESCATOLÓGICAS

A área da Teologia que se dedica ao estudo do destino final das pessoas e das coisas criadas é a Escatologia, palavra que, etimologicamente, é formada pela junção do grego *eschatos*, que significa último, com o sufixo *logos*, que significa estudo. Como ensinam Ferreira e Myatt: “A escatologia trata das questões do fim ou do propósito da vida e do alvo do plano de Deus, a consumação da história, que se move em direção a um fim determinado” (2007, p. 1011).

Ela é marcada por tantas divergências interpretativas que é, sem dúvida, a melhor seara para provar a falta de unidade que existe na igreja atual. Bock retoricamente indaga a si mesmo como tantas pessoas piedosas podem discordar sobre um assunto tão importante e, na sequência, conclui que “a resposta é encontrada na complexidade do tópico e na extensão da integração exigida para responder à questão do milênio e o além” (BOCK, 2005, p. 242). A diversidade de ferramentas interpretativas na escatologia demonstra a heterogeneidade do assunto, mesmo quando restrita ao campo reformado.

Método ou ferramenta interpretativa é o referencial que o teólogo utiliza para compreender a Bíblia no que diz respeito à sua literalidade. Os principais são o alegórico, o preterista, o historicista e o futurista (CONLEY, 2019, p. 14). Embora sejam empregadas especialmente na seara da escatologia, possuem uso geral porque a visão nutrida pelo intérprete condiciona sua compreensão de todas as áreas de estudo bíblico.

O método alegórico, também chamado de figurado, idealista, poético ou simbólico, ensina que as profecias não são, propriamente, previsões de eventos futuros que um dia acontecerão, mas tão somente a tradução de verdades eternas que

frequentemente se repetem e que, por isso, apenas na aparência parecem ser projetadas para o futuro. O bom uso da alegoria, de acordo com seus adeptos, é imprescindível porque o verdadeiro significado bíblico estaria escondido detrás das palavras textuais.

O valor do texto não está unicamente na própria letra. Ele pode ser achado frequentemente apenas por ir além da letra, ao significado verdadeiro que a Escritura tenciona comunicar. Se o exegeta permanece no nível da letra da Escritura, ele será forçado a reconhecer inúmeras coisas ilógicas e impossíveis, bem como coisas que se afastam da majestade divina. O exegeta tem de ir além e por baixo da letra da Escritura, para descobrir o significado espiritual colocado em oculto pelo Espírito Santo. A Escritura é, portanto, um texto codificado (HAYKIN, 2012, p. 94).

Para os alegóricos as profecias não devem ser entendidas como detentoras de carga história ou profética porque, em última análise, são meros instrumentos para a perfeita compreensão do sentido da mensagem. A verdadeira mensagem divina habita por detrás das letras. Desse modo, os alegóricos não enxergam as profecias do fim dos tempos como passíveis de credibilidade em termos de previsão do futuro.

A visão que Gorman tem do Apocalipse dá uma dimensão da visão dogmática alegórica: “Apocalipse é imagem, metáfora, poesia, caricatura política” (2022, p. 107). Hendriksen, no mesmo sentido, afirma que: “[...] os selos, as trombetas, as taças e figuras semelhantes, não se referem a eventos históricos específicos, mas a princípios operantes através da História do mundo, especialmente ao longo da nova dispensação” (2018, p. 47).

O segundo método interpretativo é o preterista. De acordo com Conley, “A palavra ‘preterismo’ vem da palavra latina *praeter*, que significa ‘passado’ ou ‘além’” (2019, p. 14, tradução nossa). Para seus adeptos as predições bíblicas escatológicas

apontam na sua totalidade ou, pelo menos, em sua imensa maioria, para um momento contemporâneo ou pouco posterior à época em que o profeta viveu. Elas, portanto, não eram projetadas para um futuro distante, mas para um período bem curto de tempo.

O preterismo possui duas facetas. A primeira é mais radical, chamada de preterismo completo, consistente, radical, heterodoxo ou hiperpreterismo, para quem absolutamente todas as profecias se esgotaram em 70 d.C. e, dali em diante, nada mais há para se aguardar em termos escatológicos: nem mesmo uma segunda vinda de Cristo, a ressurreição dos mortos ou um juízo final. Para seus defensores, o fim de todas as coisas refere-se ao término da Aliança da Lei, ocorrido com a queda de Jerusalém em 70 d.C. (GENTRY JR, 2016b, p. 15).

A outra vertente é o preterismo tradicional, clássico, ortodoxo ou, simplesmente, preterismo. Seus apoiadores defendem que a maior parte das profecias foram cumpridas com a queda de Jerusalém em 70 d.C. - ou, no máximo, em 410 d.C., com a queda de Roma para os bárbaros (OWEN; JENNINGS, 2020, p. 2) -, mas ainda há eventos futuros aguardados, tais como a segunda vinda de Cristo, o arrebatamento da igreja e as ressurreições físicas dos santos e ímpios para o julgamento final.

Ao explicar o ponto de vista preterista clássico, DeMar afirma que “(...) todos os acontecimentos preditos por Jesus no sermão do monte das Oliveiras aconteceram antes da destruição de Jerusalém em 70 d.C.” (2022b, p. 13), uma vez que Jesus declarou que, antes daquela geração do primeiro século passar, o Filho do Homem seria visto vindo em glória, algo que ocorreu com a queda do Templo pelos romanos, quando veio em Juízo (DEMAR, 2022b, p. 13).

O terceiro método hermenêutico é o historicista. Para seus professantes o cumprimento das profecias bíblicas vem ocorren-

do ao longo dos séculos, durante a história da Igreja. As predições não ficaram totalmente restritas ao passado, como entendem os preteristas completos, ou ao passado com apenas uma pequena parte pendente de cumprimento, como sustentam os preteristas parciais; elas também não terão início somente no futuro, como dizem os futuristas; tampouco se referem, como afirmam os alegóricos, a narrativas figurativas e meramente simbólicas: são, verdadeiramente, a história do mundo ou da igreja antecipada por Deus ao homem. Por isso, o desenrolar dos séculos vai garantindo o cumprimento sucessivo.

Esta visão expõe a ideia de que o Livro do Apocalipse, especialmente os eventos que envolvem o julgamento dos selos, das trombetas e da taça (ou taças), prediz eventos relacionados à igreja, ocorrendo desde o primeiro século até o tempo presente. Esta visão oferece liberdade na interpretação do texto ao aplicar as visões a eventos históricos reais que ocorreram desde o primeiro século, o que permite múltiplos cumprimentos de qualquer evento profético e, também, permite um cumprimento futuro de qualquer evento listado no texto. A abordagem historicista prevê uma visão geral de todo o período da História da Igreja, desde a época de João até o fim de todos os eventos proféticos, mesmo ainda futuros. Esta visão retrata as grandes épocas e crises da igreja (JENNINGS, 2020, posição 9, tradução nossa).

Para os historicistas praticamente todos os juízos de Apocalipse já ocorreram, poucos pendem de ocorrência. Para alguns deles as profecias adiantariam o futuro da Igreja; para outros, apenas a história do mundo; há, ainda, os que mesclam tanto a história da igreja quanto do mundo; e, por fim, uma parte alega que toda a linguagem envolvendo o juízo é meramente figurativa. Lloyd-Jones classifica essas diferenças em três classes de historicistas: o eclesiástico, o historicista contínuo e o historicista espiritual.

[...] o ponto de vista historicista, que pode ser em si dividido em três seções: o ponto de vista historicista eclesiástico de que o livro é um sumário histórico; o ensino historicista contínuo que afirma que o Apocalipse é uma história cronológica real; e finalmente o ponto de vista historicista espiritual, o qual sustenta que o Apocalipse fornece os elementos principais para a vida e história da Igreja (1999, p. 195).

A última das ferramentas interpretativas é a futurista. Ela sustenta que a segunda vinda de Cristo, o advento do Anticristo, o arrebatamento da Igreja, a ressurreição dos justos, a implantação do reino milenar, a ressurreição dos ímpios, o Juízo Final e os novos céus e nova terra ainda não ocorreram, são acontecimentos aguardados para tempos vindouros.

Embora os futuristas sejam concordes em alguns aspectos, existem discordâncias de entendimento em pontos importantes, como a presença ou não da Igreja na Tribulação, o tratamento que Deus reserva para o Israel étnico e o momento dos juízos do Apocalipse.

40

Essas são as principais ferramentas de interpretação das profecias. Como consignado acima, elas são de uso amplo não reservadas exclusivamente para a escatologia. Unicamente centradas nessa área são as escolas escatológicas. O tempo de cumprimento do milênio e a relação interpretativa entre Antigo e Novo Testamento são os principais fatores distintivos entre elas.

O milênio é o período de mil anos, literais ou figurados, apontados expressamente na Bíblia Sagrada apenas no vigésimo capítulo do livro de Apocalipse, em que Jesus exerce seu reinado. Cada escola tem visões muito específicas especialmente sobre significado, tempo de início e expectativa de encerramento.

A primeira das escolas é a amilenista. O amilenismo, também chamado de amilenarismo, é a visão de que o reino milenar previsto no vigésimo capítulo do livro de Apocalipse está em curso na história da humanidade desde a primeira vinda de Cristo. Ele, portanto, já teve início.

Para amilenaristas, como Hoekema, evidências como a realização de milagres, a derrota de Satanás, a pregação do Evangelho e a expulsão de demônios por parte de Jesus deixam claro que o reinado de Jesus já começou (2012, p. 56-57). “O amilenismo crê que o milênio está hoje em processo de realização. Ele vai da primeira à segunda vinda de Cristo” (LOPES, 2005, p. 29).

Provavelmente, a melhor referência bíblica para fundamentar o dogma teórico amilenista seja a afirmação de Jesus de que veio à terra para estabelecer um reino espiritual, não físico (Jo 18.36). A partir dela, os amilenistas desenvolvem toda uma interpretação espiritual sobre a Escatologia, especialmente no que toca ao livro do Apocalipse.

Para Lloyd-Jones a narrativa apocalíptica deve ser compreendida sob o ponto de vista histórico-espiritual, porque ela “[...] apresenta os princípios espirituais concernentes à vida e ao conflito e triunfo final da Igreja de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (1999, p. 198). Não há, por consequência, uma preocupação com a cronologia da narrativa.

Embora Meiring (2007, p. 107) não se sinta confortável com a afirmada “espiritualização” das Escrituras, o simbolismo é bem marcante no amilenismo. Essa visão interfere na leitura de todas as Escrituras, não apenas das profecias, porque acarreta a subordinação do Antigo Testamento ao Novo – vale dizer, a interpretação do Antigo Testamento não condiciona a do Novo.

Todas as bênçãos do Antigo Testamento dirigidas a Abraão, Israel ou Davi tinham como destinatária última a Igreja (JOHNSON, 2021, p. 29-44), ou, em termos mais claros e diretos, as promessas do Velho Testamento cumprem-se na Igreja. Bock denomina essa interpretação de “uso neotestamentário do Antigo Testamento” (2005, p. 244). O Antigo Testamento apenas pode ser interpretado à luz do Novo, pois todos seus textos, em termos de cumprimento, esgotam-se em Cristo e na Igreja.

O milênio que está atualmente em curso irá se encerrar quando Jesus vier à Terra pela segunda vez. Nesse momento a Igreja será arrebatada, os mortos ressuscitados, haverá o julgamento geral de vivos e mortos no Juízo Final e, na sequência, novos céus e nova terra serão criados.

A segunda escola escatológica é o pós-milenismo ou pós-milenarismo. Trata-se de uma escola muito próxima do amilenismo. Assim como o amilenismo, o pós-milenismo defende que o Reino Milenar está em curso desde a primeira vinda de Cristo, que Jesus está assentado no trono davídico ao lado do Pai e regendo o mundo com poder e autoridade, que Satanás está amarrado e impedido de controlar as nações (KIK, 1971, p. 41) e, por fim, que haverá duas ressurreições, a primeira espiritual e a segunda física.

O fator diferenciador entre as duas escolas é a crença pós-milenista de que, antes da segunda vinda de Cristo, haverá uma era terrena de paz, prosperidade e justiça como efeito da proclamação do Evangelho por toda a terra. Os pós-milenistas prelecionam que a maioria esmagadora da raça humana, se não a quase totalidade, será convertida ao Cristianismo graças à eficácia da pregação do Evangelho pela Igreja e, com isso, o tempo vindouro será virtuoso e próspero, exatamente como profetizado no Antigo Testamento.

Raymundo apresenta uma breve, porém precisa definição do cerne dessa escola: “O pós-milenismo é a doutrina de que Cristo voltará após um longo período e que haverá uma idade de ouro do cristianismo quando todas as nações da terra serão conquistadas [...]” (2023, p. 8).

A era áurea será de grande virtuosismo porque a maldade, a iniquidade e a maldição serão extirpadas. O pecado e suas aterradoras consequências não serão mais perceptíveis na terra. Não só o homem, mas toda a criação será restaurada a uma condição próxima à perfeição.

O fim do milênio, para os pós-milenistas, é o mesmo aguardado para os amilenistas: com a segunda vinda de Cristo. Com ela, haverá o arrebatamento da Igreja, a ressurreição geral de vivos e mortos, o Juízo Final e, finalmente, a criação de novos céus e nova terra.

A última escola é o pré-milenismo ou pré-milenarismo. Ela assevera que o Reino Milenar, embora possa não consistir de mil anos literais, somente terá início depois da segunda vinda de Cristo (VLACH, 2015, p. 1). Como não há reino sem rei, o milênio somente pode ter início após a segunda vinda: “Em nosso linguajar ocidental, um reino é originalmente um espaço, uma esfera, um domínio sobre o qual um rei exerce sua autoridade” (LADD, 2008, p. 19).

Se Jesus está fisicamente ausente, não há como se reconhecer um reinado. O pré-milenismo “[...] afirma que após a Segunda Vinda de Cristo, ele reinará por mil anos sobre a terra antes da consumação final do propósito redentor de Deus nos novos céus e nova terra na Era Vindoura” (LADD, 2021a, p. 15).

O reino nas Escrituras não é uma mera representação da era atual, mas uma condição concreta projetada para o futuro. A Bíblia “[...] não sugere que o reino é a Igreja; nem o Novo Testamento com seus objetivos centrados no céu, ensina que a Igreja é o reino” (CHAFER, 2013, p. 293, t. 2).

O milênio foi de certa forma inaugurado quando da primeira vinda de Cristo à terra, mas apenas [...] no sentido em que as nuvens vindouras nos céus lançam sua sombra sobre a terra” (LADD, 2021c, p. 23). Atualmente há somente uma antevisão do que se verificará no futuro.

De forma oposta à compreendida pelos amilenistas e pós-milenistas, para os pré-milenistas o milênio deve ser uma realidade terrena como um imperativo de justiça, para que Jesus e os mártires possam ser honrados governando no mesmo local em que suportaram perseguições e sofrimentos (VLACH, 2015, p. 75-76).

O pré-milenismo divide-se em dois ramos: o histórico e o dispensacionalista. O histórico, também denominado de pré-milenarismo pactual, pré-milenarismo clássico ou futurismo moderado, recebeu essa denominação por espelhar a crença dos pais da igreja (WHITSETT, 2023, p. 28). Basicamente, seus partidários professam a literalidade de um milênio futuro que terá início unicamente após a segunda vinda de Cristo, embora acreditem que o período de mil anos seja figurado.

Algumas das crenças do pré-milenismo histórico são emprestadas do amilenismo e do pós-milenismo - como o emprego da interpretação simbólica para a compreensão de algumas passagens bíblicas - e é exatamente isso que o diferencia do ramo dispensacionalista. Outra crença importada é o cumprimento, na Igreja, das promessas do Antigo Testamento referentes aos israelitas. A Igreja foi enxertada no Israel espiritual (Rm 11.17) e, assim, todas as promessas que Deus fez a Abraão nela ganharam concretização. Ela é o novo Israel de Deus.

44

A visão diferenciada entre Israel e a Igreja gera consequências que se espalham por toda a escatologia. Esse ponto de vista é tão sensível que, no ensino de Severa, é o principal ponto de distinção entre pré-milenismo histórico e o pré-milenismo dispensacionalista (SEVERA, 2022, p. 378). No mais, as duas formas de pré-milenismo compartilham os mesmos pontos comuns.

A segunda modalidade de pré-milenismo é o dispensacionalista. Foi assim batizada porque seus adeptos dividem o plano redentor divino na história em eras compartimentadas chamadas de dispensações. A palavra “dispensação” é bíblica e seu uso não é equivocado, tampouco sugestivo de um entendimento teológico específico. O termo findou por ter o uso cristalizado apenas no dispensacionalismo em razão da visão muito peculiar dessa escola sobre as eras.

Para os dispensacionalistas Deus aplicou o programa de salvação em intervalos próprios. Neles, as regras vigentes eram

peculiares para e suas estipulações não eram ultrativas, ou seja, não alcançavam dispensações posteriores - salvo se assim fosse expressamente determinado por Deus. Como decorrência desse entendimento, a separação das épocas é levada a um ponto máximo e exponencial, de modo a interferir não só no entendimento escatológico, mas na visão bíblica como um todo

Resumindo: a revelação progressiva vê a Bíblia não como um livro-texto sobre teologia, mas como a continuidade desdobrada da revelação de Deus entregue por vários meios ao longo de sucessivas épocas. Nesse desdobramento há fases distintas da revelação – fases em que Deus introduz coisas novas pelas quais o homem se torna responsável. Essas fases são as economias, mordomias ou dispensações que vêm à luz no desenrolar do propósito de Deus. O dispensacionalismo, portanto, reconhece tanto a unidade do propósito divino como a diversidade no seu desenvolvimento (RYRIE, 2020, p. 53-54).

Essa característica é deveras importante porque os dispensacionalistas entendem que os pactos com Abraão (Gn 17.8), Davi (2Sm 7.8-16; 1Cr 17,11-14; 2Cr 6.16) e com Israel (Dt 30.1-10) são perpétuos e devem ainda ser cumpridos no futuro. Na Dispensação do Milênio é que ocorrerá a concretização plena das cláusulas e bênçãos ainda não verificadas. “Já que tudo isso jamais foi cumprido, e uma aliança eterna e incondicional exige cumprimento, devemos colocar tal plano no nosso cronograma de acontecimentos futuros” (PENTESCOST, 2006, p. 126).

No Pacto Abraâmico, de natureza incondicional, há sete bênçãos prometidas por Deus (Gn 12.2,3,7; 13.14-17; 15.4-21; 17.4-8; 18.18; 22.17). Os dispensacionalistas argumentam que, se os israelitas ainda não ocupam a Terra de Canaã em toda a extensão prometida por Deus e, se hoje, não há um descendente de Davi no trono de Israel, é necessário que ambas ocorram antes da consumação dos séculos porque a promessa divina nunca falha. Logo, os judeus étnicos têm um futuro reservado na terra

que foi prometida e um descendente de Davi ocupará o trono de Israel no futuro (MAYHUE, 2016, p. 68-69).

Uma dualidade é gerada na Escatologia, na medida em que são aguardados, simultaneamente, um governo davídico e uma terra para os israelitas - como uma decorrência da perpetuidade da aliança firmada com Abraão e Davi - e um reino celestial junto de Cristo para os integrantes da Igreja.

“Israel e a Igreja são dois diferentes grupos. O primeiro é étnico e o segundo é espiritual” (TSARFATI, 2022, p. 41, tradução nossa). “A igreja tem um destino glorioso, mas o seu chamado é celestial, ao passo que os israelitas serão os reis da terra” (PEMBER, 2021, p. 178-179).

O remédio de que se valem os dispensacionalistas para harmonizar o dualismo escatológico é manter a independência entre a dispensações da Promessa e a da Graça. Jesus ofereceu o reino aos israelitas (Mt 15.24), mas eles não o aceitaram (Lc 11.15; Jo 1.11). Por isso foram deixados temporariamente de lado para que a Igreja fosse implantada. Enquanto a atenção divina se volta a ela, Israel fica em profundo sono para que não desperte antes do momento planejado (Is 29.10; Rm 11.8), quando Deus retomará o trato com a nação “Os Judeus incrédulos subsistirão como tal até que tudo seja cumprido” (DARBY, 2019, p. 132).

“É estranho supor que o reino de Deus chegou, quando o verdadeiro Rei está longe, o mundo rejeita a ele e suas leis quebrando-as impunemente; um rival está no trono e os adeptos do Rei são oprimidos, perseguidos e mortos” (GOVETT, 2022, p. 65). O milênio é completamente futuro e apenas não teve início porque a Igreja ainda está na terra.

Os planos de Deus para Israel e para a Igreja serão sempre distintos porque ambos fazem parte de dispensações diferentes. Por essa razão Pentecost alega que: “[...] Deus está levando a cabo dois programas distintos: o da Igreja, que terminará com o seu arrebatamento, e o de Israel, que terminará depois do arrebatamento e da segunda vinda de Cristo” (1977, p. 117, tradução nossa).

O milênio terá fim com a segunda vinda de Cristo. Ela ocorrerá depois de um período de sete anos de tribulação e ocorrerá durante a batalha do Armagedon. Jesus ressuscitará os mortos da Tribulação e os ímpios de todos os tempos. Haverá o Juízo Final e, na sequência, a criação de novos céus e nova terra.

2. A HETEROGENEIDADE INTERPRETATIVA E O CISMA NA IGREJA

A escatologia é uma área árdua e sede de intenso debate teológico. Doutrinadores discutem há qual é o ponto de vista que efetivamente conta com amparo bíblico. Na defesa de suas visões, é comum sustentarem que: a opinião pessoal é a única que seria compatível com as Escrituras; a linha que defendem é uma decorrência da revelação do Espírito Santo; os demais pontos de vista são heréticos; e os teólogos que nutrem opinião diversa seriam falsos profetas.

A divergência interpretativa não é um problema - ela, aliás, é natural na medida em que cada indivíduo analisa um texto sob uma base ideológica alicerçada em sua cosmovisão. O que gera perplexidade é o nível de descomedimento das críticas. As discordâncias entre teólogos cristãos jamais podem evoluir para contendas.

A utilização de adjetivos pejorativos e de depreciações contundentes não são desejáveis nem mesmo para inimigos, quanto mais para irmãos em Cristo. O excesso de impolidez e de incivildade testemunha contra a própria Igreja, pois revela, ao mundo secular, que nem mesmo irmãos espirituais respeitam-se mutuamente.

É verdade que todos os crentes devem manter-se firmes naquilo em que acreditam, mas isso não significa de forma alguma que não possamos ser graciosos e tolerantes com aqueles de quem discordamos. Ambos acreditamos que somos salvos somente pela graça, somente pela fé, somente

por Cristo, e assim como Ele nos amou, também devemos amar uns aos outros. Minha esperança é que este trabalho seja usado por irmãos crentes para entrarem em diálogo entre si, buscando conhecimento baseado na verdade bíblica e não em mal-entendidos. Lembre-se, estamos unidos uns aos outros porque estamos unidos a Cristo. Gálatas 6:10 nos diz que devemos “fazer o bem a todos, e especialmente aos da família da fé”. O Salmo 122:1b nos diz: “Quão bom e agradável é quando os irmãos vivem em união!” Estes mandamentos são-nos dados para que possamos ter unidade e paz enquanto trabalhamos juntos para Cristo durante o nosso tempo na Terra. Oro para que este trabalho ajude todos nós a cumprir esses mandamentos” (MCKENZIE, 2018, posição 147, tradução nossa).

É fundamental entender que a heterogeneidade decorre da subjetividade da interpretação e que as dissonâncias existem há séculos. Seria por demais pueril imaginar que, se qualquer das escolas escatológicas e ferramentas interpretativas estivesse totalmente desprovida de suporte bíblico, teriam resistido às críticas por tanto tempo.

A postura crítica imponderada atenta contra a unidade da Igreja, intensifica o cisma e gera uma ferida terrível no corpo de Cristo. É imperioso o despertar da consciência de unidade, para que “[...] cada parte, ao cumprir sua função específica, ajuda as demais a crescer, para que todo o corpo se desenvolva e seja saudável em amor” (Ef 4.16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ferramentas interpretativas e as escolas escatológicas possuem visões muito específicas sobre o fim dos tempos. O preterismo completo não tem nem mesmo a expectativa de uma segunda volta de Cristo, pois ela teria ocorrido em 70 d.C., quando Jesus teria vindo em Juízo, espiritualmente, para punir Jerusalém (GENTRY JR, 2016b, p. 16; CONLEY, 2019, p. 15).

Para essa corrente, até mesmo a ressurreição dos mortos estaria completamente superada, pois ela deve ser entendida como espiritual, não física. De acordo com Sproul: “Os preteristas completos fazem duas fortes afirmações sobre esse texto: ele se refere a uma ressurreição *espiritual*, e não a uma ressurreição do *corpo*; e esta ressurreição já ocorreu” (2016, p. 130). Kik compreende-a como uma mera indicação do renascimento da alma em razão da nova aliança estabelecida em Cristo (1971, p. 41-43).

O que está por detrás dessas conclusões é a convicção de que as passagens bíblicas que tratam da segunda vinda são alegóricas. Os versículos-chave que tratam dos eventos escatológicos não devem ser lidos com uma ótica literal, pois seriam meras representações figurativas.

Para os amilenistas, os mil anos previstos expressamente no capítulo vinte do livro de Apocalipse são figurados. De acordo com Agostinho, eles sugerem os últimos mil anos da existência da terra ou o repouso sem fim dos santos (AGOSTINHO, 1989. p. 470. v. II). Trata-se, como se nota, de uma passagem tida por alegórica.

Os pós-milenistas igualmente compreendem o milênio como figurado. Apoiam-se em parábolas de Jesus para alicerçar bíblicamente o ponto de vista. Dizem, por exemplo, que a perícopé do grão de mostarda demonstra que o reino de Deus está atualmente em curso e aumenta gradativamente com a pregação do evangelho, exatamente como ocorre com o pé de mostarda, cuja semente é pequena, mas gera uma grande árvore. Nessa parábola, de acordo com Schwertley, Cristo tratou do sucesso do Evangelho e da expansão do reino de Deus no mundo (2006, p. 40). A alegoria, destarte, sustenta o dogma pós-milenista.

Os pré-milenistas históricos, por sua vez, entendem que todas as profecias do Antigo Testamento que preveem bên-

ções a Israel foram totalmente cumpridas na Igreja. Logo, elas são alusões aos novos céus e à nova terra ou meras alegorias. Não há a previsão de futuros separados e independentes para os judeus étnicos e a Igreja.

Os dispensacionalistas afirmam que apenas interpretam a Bíblia de forma literal, mas essa assertiva deve ser relativizada. Eles reconhecem que o simbolismo pode estar presente no próprio literalismo (LANG, 1945, p. 17), o que ocorre toda vez que a interpretação literal conduzir à insensatez, ao absurdo ou à teratologia. Vale dizer, a alegoria também faz parte do repertório dispensacionalista.

Percebe-se que o uso da alegoria subjaz a heterogeneidade interpretativa escatológica. Todas as escolas dela fazem uso, em uma ou outra medida. A diferença está localização topográfica e na intensidade do simbolismo, ou seja, quais os versículos bíblicos que são espiritualizados e em que nível de abstração. Os dispensacionalistas, por exemplo, enxergam os juízos do Apocalipse de forma literal, leem-nos em ordem cronológica e sucessiva, enquanto as demais escolas os relativizam com a alegoria. Por isso Sproul afirma que: “As diferenças mostradas entre as várias escolas milenistas vão além de seu entendimento do milênio propriamente dito. As diferenças são sistêmicas e se estendem a cada aspecto da escatologia” (2016, p. 164).

Preparado o estudo para o enfrentamento do problema posto, a conclusão final é que o cerne da controvérsia em torno da escatologia é, de fato, a alegoria. As escolas escatológicas diferem entre si essencialmente pela interpretação que fazem das Escrituras e pela profundidade do uso da alegoria. A hipótese é testada e confirmada.

Diante de uma conclusão tal, os estudantes de escatologia devem compreender que jamais haverá um ponto de vista superior ao outro. Por mais que aleguem ser os detentores da

resposta iluminada pelo Espírito Santo ou os portadores da única visão compatível com as Escrituras, não devem olvidar que a alegoria está na mente do intérprete. Elas são figurações mentais por inferidas pelas pessoas, como afirmado por Pentecost (1977, p. 02-04).

Se a alegoria reside na subjetividade, é evidente que jamais haverá consenso. Todo ser humano é portador de perspectivas pessoais intrínsecas únicas e, por isso, lê os textos, inclusive bíblicos, a partir das preconcepções que nutre. As cosmovisões variam porque todos possuem visões sobre variados assuntos antes mesmo de sobre eles raciocinar detidamente.

Em um panorama desses, é fundamental admitir que sob nenhuma circunstância um enfoque poderá preponderar sobre outro. Por isso, as investidas dirigidas contra irmãos em Cristo que ostentam ponto de vista diverso são desprovidas de fundamento e refletem apenas e tão somente um ataque à subjetividade alheia. Perante essa realidade, a postura deve ser modificada – e com urgência!

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Editora Vozes, 1989. p. 467. v. II.

BOCK, Darrell. Ensaio sumariado. In: **O milênio**: 3 pontos de vista. BOCK, Darrell L; GUNDRY, Stanley. (Org). Tradução de Victor Deakins. São Paulo: Vida, 2005. (debates teológicos).

CHAFER, Lewis S. **Teologia Sistemática**. 3. ed. Tradução de Heber Carlos Campos. São Paulo: Hagnos, 2013. V. Tomos 1 e 2.

CONLEY, Lance. **Hope resurrected**: a refutation of the heresy of full preterism. Sheridan: Eastern Light Publishing, 2019. E-Book Kindle

DARBY, John N. **Comentário bíblico do Novo Testamento: Mateus a Apocalipse**. Tradução de Martins do Vale. São Paulo: Depósito de Literatura Cristã, 2019. (sinopse dos livros do Novo Testamento). E-book Kindle.

DEMAR, Gary. **Los últimos días de locura: la obsesión de la iglesia moderna**. [s.l.]: One More International, 2022a. E-book Kindle.

DEMAR, Gary. **Será que Jesus virá em breve?** Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto. 2. ed. Brasília: Monergismo, 2022b. E-book Kindle. Lloyd-Jones, (1999, p. 195)

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GENTRY JR, Kenneth L. **Have we missed the second coming?** A critique of the hyper-preterist error. Fountain Inn: Gentry Family Trust, 2016b. E-book Kindle.

GOVETT, Robert. **O reino futuro de Deus**. Tradução de Cleide Camargo. São Paulo: Perse, 2022.

HAYKIN, Michael A. G. **Redescobrimo os pais da igreja: quem eles eram e como moldaram a igreja**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2012.

HENDRIKSEN, William. **Mais que vencedores: os mistérios do Apocalipse desvendados com profundidade e fidelidade**. Tradução de Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. E-book Kindle.

HOEKEMA, Anthony. **A Bíblia e o futuro**. Tradução de Karl H. Kepler. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

KIK, J. Marcellus. **An eschatology of victory**. Phillipsburg: Presbyterian and Reformed Publishing Co, 1971.

LADD, George E. **A presença do futuro**: a escatologia do realismo bíblico. Tradução de Renata Martins de Rezende dos Santos. São Paulo: Shedd Publicações, 2021c.

LADD, George E. **O evangelho do reino**: estudos bíblicos sobre o reino de Deus. Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

LADD, George E. **Pré-milenismo histórico**. In: O significado do milênio. CLOUSE, Robert G. (Org.). Bragança Paulista: Base Cursos, 2021a. E-book Kindle.

LANG, George H. **The Revelation of Jesus Christ**: select studies. Londres: Published by the Autor, 1945.

LOPES, Hernandes Dias. **Apocalipse**: o futuro chegou, as coisas que em breve devem acontecer. São Paulo: Hagnos, 2005. (comentários expositivos Hagnos).

MAYHUE, Richard. Por que premilenismo futurista? In: **Os planos proféticos de Cristo**: um guia básico sobre o premilenismo futurista. MACARTHUR, John; MAYHUE, Richard. (Org.). Tradução de Samuel Fernandes do Nascimento Júnior. Eusébio: Editora Peregrino, 2016.

MCKENZIE, Robert. **Identifying the seed**: an examination and evaluation of the differences between dispensationalism and covenant theology. Wheaton: Crossway,

MEIRING, Joseph L. Amillennialism. In: **The four keys to the millennium**. MEIRING, Michael J. (Org.). 2. ed. Cape Town: Sola Fide Publishers, 2007.

OWEN, Paul; JENNINGS, Charles. **The origin of futurism & preterism**. Owasso: Truth in History Ministries, 2020. E-Book Kindle.

PEMBER, G. H. **As grandes profecias**: relativas aos gentios, aos judeus e à Igreja de Deus. Tradução de Márcia Maluf. Penápolis: Escriba do Reino, 2021. E-book Kindle.

PENTECOST, John D. **Eventos del Porvenir**: estudos de escatologia bíblica. Tradução de Luis G. Galdona. Maracaibo: Editorial Libertador, 1977.

PENTECOST, John D. **Manual de Escatologia**: uma análise detalhada dos eventos futuros. Tradução de Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Editora Vida, 2006.

RAYMUNDO, César Francisco. **O pós-milenismo e o iminente retorno de Cristo**. Londrina: Revista Cristã Última Chamada, 2023. E-book Kindle.

RYRIE, Charles. **Dispensacionalismo**. Tradução de Simone Granconato. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2020.

SCHWERTLEY, Brian. **A ilusão pré-milenista**: o quiliasmo analisado à luz da Escritura. Tradução de Marcelo Herberts. São Paulo: Monergismo, 2006. E-book. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/livros/schwertley_ilusao_premilenista.pdf Acesso em: 05 set. 2023.

SPROUL, R.C. **Os últimos dias segundo Jesus**: não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Tradução de Lúcia Kerr Joia. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

TSARFATI, Amir. **Revealing Revelation**: how God's plans for the future can change your life now. Eugene: Harvest House Publishers, 2022.

VLACH, Michael J. **Premillennialism**: why there must be a future earthly kingdom of Jesus. Los Angeles: Theological Studies Press, 2015. E-book Kindle.

WHITSETT, Stephen. **Historical premillennialism**: a study in New Testament Eschatology. Freemont: Elihas's Bones Publishing, 2023. E-book Kindle.